

PROJETO DA CLÍNICA DO DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Fundamentos, Objetivos, Princípios, Atividades.

FUNDAMENTOS

Convidamos à leitura deste pronunciamento de Freud, perante o 5.º Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Budapest em 28 e 29 de setembro de 1918*.

... "Tocarei de relance numa situação que pertence ao futuro — situação que parecerá fantástica a muitos dos senhores, e que, não obstante, julgo merecer que estejamos com as mentes preparadas para abordá-la. Os senhores sabem que as nossas atividades terapêuticas não têm um alcance muito vasto. Somos apenas um pequeno grupo e, mesmo trabalhando muito, cada um pode dedicar-se, num ano, somente a um pequeno número de pacientes. Comparada à enorme quantidade de miséria neurótica que existe no mundo, e que talvez não precisasse existir, a quantidade que podemos resolver é quase desprezível. Ademais, as nossas necessidades de sobrevivência limitam o nosso trabalho às classes abastadas, que estão acostumadas a escolher seus próprios médicos e cuja escolha se desvia da psicanálise por toda espécie de preconceitos. Presentemente nada podemos fazer pelas camadas sociais mais amplas, que sofrem de neuroses de maneira extremamente grave.

Vamos presumir que, por meio de algum tipo de organização, consigamos aumentar os nossos números em medida suficiente para tratar uma considerável massa da população. Por outro lado, é possível prever que, mais cedo ou mais tarde, a consciência da sociedade des-

pertará e lembrar-se-á de que o pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência à sua mente, quanto o tem, agora, à ajuda oferecida pela cirurgia, e de que as neuroses ameaçam a saúde pública não menos do que a tuberculose, de que, como esta, também não podem ser deixadas aos cuidados impotentes de membros individuais da comunidade. Quando isto acontecer, haverá instituições ou clínicas de pacientes externos, para as quais serão designados médicos analiticamente preparados, de modo que homens que de outra forma cederiam à bebida, mulheres que praticamente sucumbiriam ao seu fardo de privações, crianças para as quais não existe escolha a não ser o em-brutecimento ou a neurose, possam torna-se capazes, pela análise, de resistência e de trabalho eficiente. Tais tratamentos serão gratuitos. Pode ser que passe um longo tempo antes que o Estado chegue a compreender como são urgentes esses deveres. As condições atuais podem retardar ainda mais esse evento. Provavelmente essas instituições iniciar-se-ão graças à caridade privada.

Mais cedo ou mais tarde, contudo, chegaremos a isso.⁽¹⁾

Defrontar-nos-emos, então, com a tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições. Não tenho dúvidas de que a validade das nossas hipóteses psicológicas causará boa impressão também sobre as pessoas pouco instruídas, mas precisaremos buscar as formas mais simples e mais facilmente inteligíveis de expressar as nossas doutrinas teóricas. Provavelmente descobriremos que os pobres estão ainda menos prontos para partilhar as suas neuroses, do que os ricos, porque a vida dura que os espera após a recuperação não lhes oferece atrativos, e a doen-

ça dá-lhes um direito a mais à ajuda social. Muitas vezes, talvez, só poderemos conseguir alguma coisa combinando a assistência mental com certo apoio material, à maneira do Imperador José.⁽²⁾ É muito provável, também, que a aplicação em larga escala da nossa terapia nos force a fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta, e também a influência hipnótica poderão ter novamente seu lugar na análise, como o tem no tratamento das neuroses de guerra.⁽³⁾ No entanto, qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa."

Psicanálise e Instituição. Psicanálise e o social. Psicanálise e classes populares. Desde Freud essas articulações trazem questões importantes para a psicanálise e para os psicanalistas, sugerindo e demandando aprofundamento e desenvolvimento de práticas novas e conseqüentes. A Psicanálise é uma teoria que se sustenta apenas na prática do consultório privado? É destinada apenas a meia dúzia de pessoas mais abastadas? Pode a psicanálise fazer frente à enorme miséria neurótica do mundo?

Diante destas perguntas iniciamos uma trajetória com o objetivo de buscar possíveis respostas que reconhecem e incluem o trabalho de boa parte de psicanalistas que têm

(*) Freud, Sigmund, "Linhas de Progresso na Terapia Analítica", Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1969, vol. XVII pp. 208 a 210.

se preocupado em pensar uma prática clínica específica institucional, voltada às mais amplas camadas da população. Esta preocupação deixa de pertencer ao futuro da Psicanálise para se fazer presente no dia-a-dia dos que se aventuram por esses caminhos. Entretanto, diante das exigências de uma realidade social como a brasileira, constatamos que muitas respostas ainda parecem destinadas a ficar enclausuradas nesse porvir. Os psicanalistas brasileiros, que não são em pequeno número, têm uma formação em grande parte voltada para o atendimento do paciente individual no contexto do consultório particular. Atendem seus poucos pacientes e acabam deixando a *miséria neurótica do mundo* do lado de fora. Existem, contudo, trabalhos ampliando os limites da psicanálise, e pergunta-se: quando pode a psicanálise ampliar seus limites sem desfigurar seu campo? Parece ser muito difícil ou talvez intransponível o conhecido problema apontado por Freud como *recurso* de misturar-se o *ouro puro da psicanálise ao cobre da sugestão direta e até o de dar um lugar também à influência hipnótica, pelo menos em casos de neuroses de guerra. Se a realidade brasileira formalmente não é uma realidade de guerra, seus problemas básicos sociais também produzem uma qualidade de miséria psíquica bastante complexa e para nós essas questões se impõem como perguntas difíceis para as quais queremos encontrar soluções psicanalíticas.*

Pensamos que a solução de uma psicanálise aplicada, uma transposição direta da prática de consultório privado para a instituição, ou ainda de uma psicanálise descaracterizada pela sugestão ou hipnose não se constituem como opções de-

sejáveis. Entendemos que a psicanálise é a articulação entre a teoria e a prática clínica que a fundamenta. Daí decorre que a possibilidade da formulação de uma prática clínica que se apóie na realidade específica deste social, é a que possibilitará transformações que incidirão sobre a Psicanálise — teoria, metodologia e técnicas — e sobre a realidade psíquica dos sujeitos imersos nessa realidade social. O que seria o *analítico* em psicanálise? O que tem a Psicanálise de fundamental que lhe permite sair de suas primeiras fronteiras mantendo seu campo?

Propomos alguns subsídios para essa discussão, iniciando com duas questões:

— o trabalho em consultório é quantitativamente restrito se comparado à demanda (lembramos que Freud considera que se há neurose, há demanda);

— a questão da diferença de classes: a Psicanálise tem se voltado para atender apenas *os ricos*.

Relacionando as questões, temos como consequência uma grande massa da população pobre e *mentalmente doente* que não tem acesso à psicanálise. Consideramos que essa modalidade de trabalho, preconizada por Freud, a caridade, não permite operar uma passagem suficiente de um modelo convencional/tradicional da prática psicanalítica para um modelo que inclua a realidade social como seu campo de atuação. Além disso, a formulação de uma proposta de psicanálise caritativa tem implicações bastante complexas para o próprio processo analítico, pois sabemos que o pagamento da análise estabelece também uma possibilidade de escuta. Não temos uma resposta clara, entretanto a partir dessas considerações, podemos formular outra questão mais abrangente, mudando-lhe os termos: o que é que garante que uma psicanálise possa ocorrer? Fundamentalmente, se há

um *psicanalista* que oferece sua escuta e *alguém*, que pelas mais diversas razões, demanda um trabalho, configura-se o campo onde a Psicanálise pode operar, pois estas são as condições do estabelecimento da transferência, na qual o inconsciente pode surgir. O trabalho psicanalítico em uma instituição será decorrência necessária desta concepção. Trata-se de desenvolver o trabalho no qual a ética da psicanálise é condição a ser mantida. Será esta conduta o que permitirá a ampliação dos limites até que se possa aí incluir a *miséria neurótica do mundo*, de um mundo que não é apenas uma representação fantasmática, mas também uma realidade social e política que traz em si uma teia de determinantes externos, e alheios à psicanálise.

A psicanálise em uma instituição é uma questão de dupla implicação. Se por um lado pensamos como a psicanálise vai processar a inclusão do social em seu campo, por outro, teremos que nos propor a questão de qual social é este, que realidade é esta que também processará a inclusão da psicanálise em seu âmbito. A realidade social, de um modo ou de outro, se impõe, e estabelece movimentos próprios e independentes; precisa ser reconhecida também como determinante de nossa práxis. Em uma instituição, essa evidência não pode ser ignorada. A dupla implicação, psicanálise e realidade social, configurada através da instituição, dentro da qual nos inserimos, requer estudo, requer o reconhecimento do que separa e como se articulam estas duas vertentes. Consideramos ser este também um requisito para a constituição da Clínica Psicanalítica do Departamento de Psicanálise.

O Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Existem dois pólos que nos reuniram em torno da proposta de constituição da Clínica do Departa-

mento de Psicanálise. Nossa realidade social específica se particulariza em nossa pertinência ao Instituto Sedes Sapientiae. Instituição com características peculiares. O Instituto Sedes Sapientiae tem uma clara avaliação da realidade social na qual está inserido, que se traduz na maneira como o Instituto propõe que se intervenha nesta realidade, tanto do ponto de vista social como do político. É uma instituição que investe plenamente no trabalho de transformar a realidade social brasileira, não de forma assistencialista, mas sim participativa e envolvida com os principais problemas que atingem a população nas áreas de saúde mental, educação popular e afins:

Assumir sua parcela de responsabilidade na transformação qualitativa da realidade social, estimulando todos os valores que acelerem o processo histórico no sentido da justiça social, democracia, respeito aos direitos da pessoa humana. (Carta de Princípios, Artigo I).

Em relação à Clínica Psicológica, em funcionamento no Sedes Sapientiae e composta pela Clínica dos Cursos, a Carta de Princípios afirma:

Aqui no Sedes não se trata de humanizar a desumanização, não se trata de se adaptar seres humanos a uma ordem desumana. Nem se trata de tentarmos apaziguar a nossa consciência de privilegiados que somos por um sistema injusto, seja através de um trabalho assistencialista e tecnicista, seja através de uma teorização pretensamente crítica, mas sem inserção na vida cotidiana do povo... A Clínica Psicológica é o espaço onde no Sedes se trabalha para que homens e mulheres

trabalhadores e seus filhos possam recuperar a sua integridade emocional violentada.

Esta instituição marca sua inserção e seu compromisso com o social. Delimita para nós, o espaço para desenvolver e implantar uma Clínica de Psicanálise, no interior do Departamento. O Departamento de Psicanálise, desde seu precursor, o Curso de Psicanálise, tem se posicionado em explícita concordância com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae no qual está inserido. Neste sentido propomos a elaboração de um projeto de clínica psicanalítica comprometido com a realidade econômica, política, social e cultura do país. Este projeto é fruto destes desejos, destes posicionamentos, de diversas tentativas de projetos anteriores, da angústia de todas as pessoas que em algum momento produziram nesta direção e que assim se comprometeram com o sonho de efetivar uma Clínica de Psicanálise do Departamento.

OBJETIVOS

Entendemos a psicanálise como produto de um saber histórico a serviço da humanidade, possibilitando que indivíduos de uma sociedade possam dela se beneficiar, se apropriando e resgatando algo de seu.

Acreditamos, por isso, que como psicanalistas, no Brasil, neste momento, nos cabe ousar, propor nosso exercício profissional também a serviço de pessoas que sofrem psicicamente e não sabem ou não podem à psicanálise recorrer. Partilhemos com Jurandir Freire Costa a convicção de que *nas portas da fome, da miséria, da dor e da morte só conseguimos pensar em sobreviver. A superação desse estado de carência só se consegue com um mínimo de igualdade social com um mínimo de participação igualitária no acesso a bens materiais e culturais. No Brasil este mínimo inexiste.*⁽⁴⁾ Queremos, portanto, ampliar a fai-

xa da população beneficiária, pois pensamos que a psicanálise pode ser instrumento de desalienação psíquica, possibilitando que os indivíduos resgatem seu desejo, se colocando como sujeitos da construção de sua própria história.

Neste sentido, nosso saber psicanalítico, em confronto com uma efetiva prática, vai se submeter a interrogantes, em um processo ao mesmo tempo que de prestação de serviços, também de pesquisa e teorização constantes. Temos o anseio e sede de pesquisa para campos até agora inexplorados suficientemente e cujas responsabilidades recaem sobre nós como psicanalistas e como cidadãos também determinados historicamente que se afligem e se preocupam com uma inserção modificadora da realidade social.

Dentro deste contorno nos propomos a constituir a Clínica de Psicanálise com os seguintes objetivos:

— Possibilitar a ampliação do atendimento psicanalítico para além da população que pode recorrer à modalidade de trabalho oferecida no consultório privado, dando prioridade à demanda da clientela, em conformidade com os princípios e regulamentações do Instituto Sedes Sapientiae.

— Evitar a dissociação entre o projeto e o contexto que o circunda. Nesse sentido, pertencer ao Instituto Sedes, que mantém uma inserção específica na sociedade, é para nós elemento relevante que estará cruzando nossa prática, quer do ponto de vista da confluência de princípios gerais, quer dos possíveis entraves para sua execução.

— Dar continuidade à formação em Psicanálise, interminável, da-

queles que trabalham no Setor Clínica. Daí decorre que a qualificação para o exercício da Psicanálise nesta clínica se dará a partir do critério de pertinência ao Departamento de Psicanálise, conforme seus estatutos.

— Desenvolver uma prática aliada à constante teorização e elaboração, para evitar a tentadora dissociação entre teoria e prática, não elegendo uma de suas vertentes como prioritária.

— Buscar interlocução permanente, a nível do próprio grupo e fora dele, para o processamento teórico-prático a fim de que possam ser apontados os constantes e inexoráveis pontos cegos.

— Tornar público o trabalho desenvolvido neste Setor.

PRINCÍPIOS E ATIVIDADES

A Clínica Psicanalítica proposta por este projeto possui uma configuração específica pelo fato de ser Clínica do Departamento, autônoma em relação ao Curso de Psicanálise. Neste sentido se diferencia da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae que está estruturada como clínica-escola ou clínica de cursos.

A característica fundamental deste projeto é pensar uma clínica voltada à população que a procura, ou seja, a clientela. Os psicanalistas que aí estiverem intervindo oferecerão sua possibilidade de trabalho: a escuta analítica, como metodologia específica para caracterizar, junto a esta clientela, a demanda.

O setor Clínica é aberto à inserção dos psicanalistas membros do Departamento que desejem assumir este compromisso de trabalho. Esta inserção será efetivada através da adesão aos seguintes princípios:

— Colocar o saber psicanalítico a serviço da população resgatando-o

como seu patrimônio. A psicanálise é um saber historicamente produzido e como tal conhecimento não é neutro em relação ao contexto social no qual está inserido.

— Estabelecer um contínuo processamento dos efeitos que as mútuas implicações entre a Psicanálise e o Social apresentam.

— Reiterar que a produção do saber psicanalítico é articulação entre prática clínica e corpo teórico, elementos indissociáveis e determinantes tanto do advir de uma nova prática quanto da produção de um novo saber.

— Priorizar a participação conjunta permanente como referencial para o processamento do trabalho, tendo a co-responsabilidade como fator comum para a tomada de decisões.

— Restabelecer, dentro dos limites de uma prática clínica, o acesso às condições de saúde mental como um direito do cidadão, o que exclui qualquer trabalho de cunho caritativo, tanto do ponto de vista de quem dele se beneficia quanto do profissional que oferece seus serviços.

A partir da concordância com estes princípios a pertinência ao setor clínica será reconhecida através do compromisso com as seguintes atividades:

1. **Atendimento:** condução de pelo menos uma psicanálise.

2. **Pesquisa teórico-clínica:** construção de um espaço de interlocução através da discussão sistemática do trabalho em reunião com outros psicanalistas também pertinentes ao setor, com a finalidade de produzir um saber psicanalítico a partir das condições específicas desta clínica institucional.

3. **Teorização e Transmissão da Psicanálise:** organização de uma modalidade de trabalho sistemático (seminários, grupos de estudo e/ou discussão), que possibilite processar teoricamente as questões decorrentes desta clínica e tornar público, ao

Departamento e à comunidade em geral, o andamento e a conclusão dos trabalhos desenvolvidos. Neste âmbito estão incluídas as possibilidades de intercâmbio com outras instituições psicanalíticas, especialmente aquelas instituições (ou pessoas) que desenvolvam práticas análogas.

4. **Intervenção na dimensão político-institucional:** a possibilidade deste projeto se implantar está relacionada com a efetiva articulação com a instituição na qual se insere. Sua legitimidade e operatividade requerem permanente abertura e comunicação no mínimo com duas instâncias: o Departamento de Psicanálise e a Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae. Quanto ao Departamento a modalidade de relação prevista é a de representação junto à Comissão Coordenadora Geral. Quanto à Clínica Psicológica do Instituto, ainda não há uma modalidade de articulação, uma vez que a organização da mesma está apoiada na clínica dos cursos sendo necessária a criação de novas formas de articulação: Não estão diferenciados funções ou cargos para esta etapa de implantação. Todos os membros deste setor estão implicados nestas atividades sendo co-responsáveis pelos encaminhamentos necessários e pela permanente avaliação de sua prática.

Notas

1. Na época em que esse texto foi lido, Anton von Freund estava planejando a fundação de um instituto nos moldes aqui sugeridos. Ver o obituario de von Freund por Freud (1920c).

2. O Imperador José II da Áustria (1741-1790), sobre cujos métodos pouco convencionais de filantropia corriam muitas lendas. Há uma referência a ele, nesse mesmo sentido, num dos primeiros artigos técnicos de Freud (1913c).

3. O tratamento das neuroses de guerra era um importante tópico do congresso no qual foi feito esse pronunciamento. Ver pág. 257.

4. Costa, Jurandir Freire, *Psicanálise e Contexto Cultural-Imaginário Psicanalítico*, Grupo e Psicoterapias. Rio de Janeiro, Campus, 1989-p.5.

Texto elaborado por Clarissa Silbiger; Joelle Gordon; M. Alíпия de Salles Guimarães; M. Antonieta Whately; M. Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes; M. de Fatima Vicente e M. Silvia de Mesquita Bolguese — Psicanalistas, membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae